

mesmo. V. Ex. porém deliberara o que tiver por mais justo e conveniente a ordem publica. Deus Guarde a V. Ex. Maranhão 7 de Setembro de 1847.—Ilm. e Exm. Sr. Dr. Joaquim Franco de Sá, Presidente da Província.—**Manoel Cerqueira Pinto**.—Está conforme.—**Dr. Carlos Fernando Ribeiro**, Secretário do Governo.

—N. 173.—Ilm. e Exm. Sr.—V. Ex. foi testemunha do que occorreu em a noite do 29 de Julho ultimo por causa de uns versos imprudentemente proferidos no meio da reunião, que no largo de São João se achava continuando a festejar com iluminação, foguetes, e musica o dia 28 daquelle mez, o qual, como V. Ex. sabe é o anniversario da adherencia á causa da Independencia nesta provincia, e tinha sido igualmente festejado por individuos de diverso credo politico, reunidos na igreja de Santa Anna. Aproximou-se o dia 7 de Setembro, novos festejos se preparão nos mesmos lugares; bantos verdadeiros, ou fúlsos corrião de que se pretendia estragar um fogo de vista, que se estava dispondo desde a embocadura da rua, que vai do largo de São João até a rua das Violas. E observando o exaltamento, com que se debatem os dous partidos por amor das proximas eleições expuz a V. Ex. em conferencia verbal do dia 6 do corrente os receios, que tinha de que chagassem elles ás mãos por qualquer indiscreção ou insulto pessoal, que infelizmente sempre apparecem nos ajuntamentos desta natureza.—Hontem depois do Te-Deum e cortejo mandei por cautela, que alem das patrulhas estabelecidas para policia da cidade, mais quatro se collocassem nas immedições do largo de São João, e outras tantas nas da igreja de Santa Anna, com ordem de tomar qualquer pau ou cacete, que encontrassem (copia n. 1). Não satisfeito com esta providencia determinei, de accordo com V. Ex. em conferencia do hontem a tarde, que o commandante do Corpo de Policia com os officiaes que estivessem de folga, comparecessem nos lugares dos festejos para prevenir qualquer occorrença, que podesse haver (copia n. 2). Quando ás 8 horas da noite, não obstante o incommodo de minha saúde, me dirigia a aquellos lugares, para por mim mesmo observar, e acautelar qualquer desaguisado, encontrei o dito commandante, o qual communicou-me ser inevitavel o rompimento entre os de Santa Anna, e os de São João, visto que alli se havia decidido em reunião, que o respectivo grupo passasse pela frente da igreja de São João, onde estava agglomerado o outro, e muitas outras pessoas, inclusive senhoras, e crianças, como tendo immediatamente com o mesmo Commandante communicuei pessoalmente a V. Ex. Apenas subi do Palacio soube que já os dous grandes grupos se lavião chocado no meio da rua estreita, que communica a rua Grande com aquelle largo, resultando d'ahi reciprocas e não poucas offensas phisicas.—Apressadamente cheguei ao lugar do conflicto, onde se achava uma multidão de indivíduos, umas separados por alguns soldados officiaes de policia, que se occupavam de evitar que repetissem as mesmas offensas. Appliquei então todos os meios suaves, recorri mesmo á declaracão de empregar a força para fazer cessar a desordem, que continuava n'uma profusão de vivas—e morras—de insultos, e pedradas, que do

quando em quando cahião sobre o povo, sem se poder bem averiguar d'onde partião; disse dei parte a V. Ex. verbalmente, e com menos minuciosidade em officio n. 172 de hontem a noite.—Enganei-me quando persuadi-me que a presença do digno, honrado e sizado tenente coronel de fusileiros com uma força respeitavel seria sufficiente para fazer acalmar os animos, e restabelecer a ordem, por quanto foi depois dos meios brandos, politicamente empregados por elle, e continuados por mim, que a despeito das linhas de policia, que separavão os dous grupos, se engajarão estes de novo em um combate de pedradas e pauladas, que obri-gou o dito tenente coronel a carregar sobre os luctadores, que levou a frente da força de baioneta calada até a rua grande, ficando a força de policia no mesmo ponto em que se achava para o lado de S. João, e desta forma ficou obstado officiazmente que os grupos se approximassem. Assim separados cederão dos insultos, e pretensões exageradas, que consistião principalmente, como se vera V. Ex. no meu citado officio n. 172, em querer o grupo de Santa Anna passar pelo largo de S. João, e o de S. João impedir-lhe o transitio, á pretexto de evitar a destruição do fogo de vista, de que ácuia fallei; começou a arder este fogo (objecto do cuime dos de S. João) e no fim estava restabelecida a tranquillidade. Serião duas horas da noite estava já totalmente apagada a iluminação do largo de S. João, quando por ali transitou o grupo de Santa Anna, sem occorrença que mereça a pena de ser especialmente mencionada.—Varios cidadãos de um e outro lado, bem como oito soldados do corpo de policia foram feridos, porém sem perigo de vida, segundo as informações que tenho podido colligir. Estive na rua até mais de trez horas da noite, e tive a satisfação de observar que continuou a reinar sempre o desejado socego.—Deus guarde a V. Ex. Maranhão 8 de Setembro de 1847.—Ilm. e Exm. Sr. Dr. Joaquim Franco de Sá, presidente da Província.—**Manoel Cerqueira Pinto**.—Está conforme.—**Dr. Carlos Fernando Ribeiro**, Secretário do Governo.

—Copia 1.ª.—N. 618.—Queira V. M. mandar collocar, alem das patrulhas do costume, mais quatro nas immedições do largo de S. João, e quatro nas da Igreja de Santa Anna, logo as seis horas da tarde, e o official rondante que me procure para receber as ordens convenientes.—Deus guarde a Vm. Maranhão 7 de Setembro de 1847.—Ilm. Sr. Antonio José da Cunha, Commandante do Corpo de Policia.—**Manoel Cerqueira Pinto**.—Conforme.—**Francisco José Mendes dos Reis**, 2.º Amanuense.—Está, conforme.—**Dr. Carlos Fernando Ribeiro**, Secretário do Governo.

—Copia 2.ª.—Julgando conveniente, de accordo com o Exm. Sr. Presidente da Província que Vm. juntamente com os officiaes do seu Corpo, que se acharem disponiveis, ronde os lugares dos festejos desta noite, a fim de prevenir qualquer occorrença que possa haver; assim o communico a Vm. para sua intelligencia, requisitando o seu comparecimento na forma desta, e para o fim acima indicado, e recommendando a Vm. toda a vigilancia.—Deus Guarde a Vm. Maranhão 7 de Setembro de 1847.—Sr. Tenente Coronel Antonio José da Cunha, Comman-

dante do Corpo de Policia.—**Manoel Cerqueira Pinto**.—Conforme.—**Francisco José Mendes dos Reis**, 2.º Amanuense.—Está, conforme.—**Dr. Carlos Fernando Ribeiro**, Secretário do Governo.

NOTICIAS OFFICIAES.

—Por Portaria de hontem foram demittidos do Corpo de Policia o Capitão da 1.ª Companhia Porfiro Joze da Cunha, e o Tenente da 2.ª Ignacio Frazao Varella, passando para o lugar daquelle o Capitão da 2.ª Companhia Joaquim Lopes de Mottos, e sendo nomeado para Capitão da 2.ª Companhia o Capitão de Guardas Nacionais Romualdo Antonio da Silva, ficando promovido para a vaga do Tenente Varella, o Alferes da 2.ª Mariano Fompe de Oliveira Campos, e nomeado para a vaga deste o ex-Alferes do mesmo Corpo Miguel José d'Azevedo Freixo.

—Foi nomeado para o cargo de Porteiro da Bibliotheca Publica desta provincia, vago por ter sido nomeado capitão do corpo de policia Romualdo Antonio da Silva, o cidadão Joaquim Mariano Cardoso.

—Foram concedidos tres mezes de licença, com seus vencimentos, para tratar de sua saúde, ao commandante do corpo de policia Antonio Joze da Cunha.

—Foi nomeado Ajudante da 2.ª companhia de pedestres de Viana o cidadão Theotônio Albino Martins.

(Do Publicador Maranhense.)

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor.

—Ao declinar do dia 20 de Agosto p. p. houve lugar na povoação do Arary, casa do capitão Theodoro da Luz Boga, a 1.ª reunião do Partido da Liberdade, onde mais de 150 cidadãos, dos mais abastados, tiveram assento, e foi na verdade, uma reunião esplendida. E como deixar de ella, quando ali esquecidos foram odios inveterados, que desde 1835 contavão sua idade, e que todos foram sacrificados ao progresso material e moral da Patria, da qual se não esquecem os honrados Miarrienses, condigna porção do povo Maranhense!

Nessa assemblea de conspícuos cidadãos entre si escolherão uma commissão daquelles que com a central (nesta capital) tem de entreter relações e apontar as urgentes necessidades do lugar, a fim de que os povos sejam curados das urgentes precissões que os vexão, e a cujos melhoramentos tem direito essa porção do terreno maranhense.

Isto posto, cumpre-me relatar o insólito feivel opus dos Camarilheiros, a cuja frente se achava (quem o duvida!) o Tenente Coronel Antonio Joze Martins de Figueiredo (o Antonio Jorge) que ainda a pouco nesta capital tanto blasonava de dedicação ao partido da camarilla Maranhense!...

Desde meados de Julho que o dito Tenente Coronel Figueiredo fasia avizar por todo o termo do Mearim ao seu incomparavel esquadrão de cavallaria, e ás demais pessoas para que no 26 do referido Agosto se achassem na villa da Victoria: uns (dizia elle) para revista da guarda nacional, e outros para um brodio em honra das—armas camarilheiras.

De feito que no mencionado dia a caza nova (no Porto grande) do dito Figueiredo, apresentou, logo ao crepusculo da

tarde, o seu interior illuminado, e ali se vio pelas 9 horas da noite, dos mil e tantos convidados a mais de mez, uma reunião de 50 e tantas pessoas, na maioria miseraveis, ou assalariados do dito Figueiredo, e tanto assim foi, que havendo elle feito preparar um—café—o não servio pelos assistentes, por dizer (elle) não serem dignos de metterem os beiços em suas tigellas!.....

E tão pouca influencia tem o tenente coronel Figueiredo, que a suas expensas havendo feito a reunião, e em sua casa, para presidente della nomear a um extranho, por nome *Nicolau Antonio Rodrigues Chaves* (o negociante—dos donos da nação), destractibilissimo Charlatão, que se dignou abrir a sessão com o seguinte *illegante* discurso—*Shahás! somos Bentens e camarilheiros e haermos de rence, cada um diga o que quizer!!!*

Loucos apoiados gritavam em turmas os vaqueiros e agregados de Figueiredo, que embuxado pelo não nomearem presidente, fazia dançar sobre a arena da caça a rolica, ponta do m. estoque com que, mesmo de dia, percorre as ruas da villa, dizendo ser aquelle o Talismã da policia, da qual elle é mui digno delegado do seu chefe Ciqueira Pinto.

Entre os 50 e tantos *paladinos* alguns havião do celebre nomeada como o Jorge, e Francisco José Gomes do Amorim (Juiz Municipal) que para sua caça removeo, sem formalidade, uma orfã depositada, que se—SUMIO—, Francisco Antonio dos Anjos, e o tal Nicolau, que forão os eleitos membros da comissão CENTRAL—do Meirim!!! Riso, e só riso!.....

Tambem se nomeou uma comissão dita de—*Espiã*—uzando nos da fraze do *cradillo* secretario da sessão Francisco Antonio dos Anjos e então para os 5 districtos do Meirim, forão eleitos—*Espiadores*—Francisco José Maciel, Manoel Luiz de Figueiredo, Caetano Raimundo dos Anjos, José Antonio Fernandes, José Carlos de Mesquita (conhecido por Carlos Bahiano, ou Calombo), Antonio da Costa Sanches, José Dutra, Sebastião Muniz, e outros quejandos, creaturas do Figueiredo, nos quaes elle pela arreata leva para onde quer, e não, como diz, a honrada maioria dos Merienses, que breve mostrariam aos exclusivistas da Pandilla qual o desprezo que n'ella votão e qual o bem que desejão ao paiz natal, dando-lhe representantes dignos desse nome, que não obscuros....., que vão advogar cruzas particulares, e outros arranjos, com detrimento da fazenda publica, a quem desejão defraudar tirando-lhe contos de rs. por *paga* de cazas velhas, e podres.

Porque, por estenão ja sou aguardo-me para outra viagem narrar-lhe o que vai occorrendo.

Do Sr. Redactor seu patricio.
Um Guajajara.

Sar. Redactor.

—O nosso districto tem soffrido uma completa inundação de Observadores, q. para cá são remetidos pelos camarilheiros d'essa cidade, solicitando assignaturas. Qual sera pois a razão porque tanto se interessa pelo seu redactor? Será o indifferetismo que o Sr. Candido Mendes pertencendo inculcar para com a camarilha? E muito zelar do censo publico? O

juizo que geralmente por aqui se faz delle é, que os seus escriptos traçadores, não tendem mais que a enfraquecer a liga, para ver se facilita o triumpho dos seus novos aliados. Para cá não se tem sahido bem; a liga está firmada neste districto onde ha unicamente um camarilheiro, para de todo se não perder a semente, e assim fica desmentido o Candido Mendes no que diz em seu n.º 3 do Observador, quando tão alviesamente assevera que a liga fôra por nos repelida.—Corurupá 4 de Setembro de 1877.

Um Ligeiro.

FOGO N'ELLE.

"Já em um dos nossos ns. annuncios, que estava para sahir um *Gavião Ligeiro* distarçado em *Bentens Maranhense*; e, consta-nos, que hoje é o dia, em que elle despreza as azas. Já fizemos a sua descripção e portanto olho vivo; o assum que for avistado fôgo n'ello? Quando cahir, nada de contemplanções, deve ficar completamente depennado. Assim *tambem se abrum outro Gavião Ligeiro quizer perturbar o nosso festrejo, fôgo nelle sem piedade. Fôgo, e fôgo!!!*"

(Do Bentevi de 7 de setembro, destribuido na tarde desse mesmo dia.)

A REBUTIDA.

A camarilha in extremis.

Na Revista anterior deixamos relatados os criminosos excessos em que rompen a camarilha, oppondo-se á passagem da liga pela rua e largo de S. João, na noite do dia 7 de setembro; quando os dois partidos festejavão com illuminações e bandas de musica o anniversario de nossa independência politica. Estes excessos forão o resultado de um plano de antemão concertado, e posto em pratica no mesmo dia n'qui, e no Rapuçura-merim onde forão agredidos os ligeiros ao sahir do Te-Deum, e em Vianna onde a agressão por falta de animo dos que a emprehenderão, ficou reduzida a mera tentativa. A premeditação evidencia-se, não só da coincidência das aggressões em tres diferentes lugares, mas dos apellos que com antecipaçoão lasião o Bentevi e o Estandarte, para scenas taes e quejandas. O fim que teve em vista a camarilha, promovendo estes disturbios, foi ver se com isso conseguia desacreditar ao longe a illustrada administração do Sr. Franco de Sá, como se deluz da subsequente lioçagem de suas folhas della. Tudo isto é claro e manifesto aos que estão inteirados dos factos, suas circumstancias e antecedentes.

O Observador e o Estandarte, ou os dois principaes órgãos da camarilha, vem recheados das falsidades as mais abjectas no que diz respeito a os successos do dia 7, e concluem por dar a administração como causal dos proprios excessos do que seus amigos os camarilheiros forão os unicos autores. Mas tão contraditorios se mostram em suas miseraveis arguições, que a si mesmo se refutam, porque ora accusa o Sr. Franco de Sá por ter dado providencias, ora por não as ter dado. E é de notar que o *cubito puro* do Observador foi nos

encarecimentos e atrevimentos ainda alem de seu alliado o *bentevi puro* do Estandarte. Entre foridos e contusos do Sr. Candido Mendes para mais de cem Os ligeiros e que jão munidos de fundos de garrafas e pedras: o presidente foi quem os mandou, &c. Estes serviços relevantes do Observador não devem ser esquecidos pela camarilha. Quanto ao Estandarte, esse lá se descaia em dizer que o Sr. Franco de Sá, porfendo a esperança de fazer uma carnificina no povo merim, *recorreo a prudencia*. As partes officiaes que transeveremos do Publicador e do Progresso, sem exceptuar a do proprio chefe de policia que tão parcial se mostrou no conflito, são o mais selemente desmentido que se pode dar a essas duas folhas que não escrevem para Maranhão onde são tidas e havidas pelo que *valem*. O Sr. Franco de Sá deu todas as providencias que o caso requeria, proceda com o preciso criterio e imparcialidade, como prova a escolha que fez do benemerito tenente coronel Falcão para manter a ordem e intervir na solução da questão, e se tivesse um chefe de policia que quizesse fazer o seu dever, tudo por certo se teria evitado.

A parte do Sr. Falcão, homem imparcial, e militar distincto pelos relevantes serviços que tem prestado a causa publica, faz justiça a moderação e bom termo dos ligeiros, e mostra de que lado estava a razão. A parte do Sr. Cerqueira Pinto que é partidario da camarilha, pouco ou quasi nada diz, mas torna-se notavel neste caso pela sua mesma esterilidade e insignificancia. O Sr. Cerqueira Pinto estava doente, e por isso não assistio ao principio do conflito, o que era o essencial, mas assistiu das 9 horas até ao fim, sem duvida porque tinha diminuido ou cessado o seu encommodo. Os ligeiros segundo esse Sr. tinham direito de passar, mas parece que os camarilheiros taobem tinham direito de oppor-se a essa passagem, ao que se inferi de outras palavras do mesmo Snt. Assim a parte do chefe de policia, longe de ser explicita e positiva como a do tenente coronel Falcão, assemelha-se a cousa que é e não é, ou a vontade de quem quer, e não quer.

Entretanto ambas essas partes vem a proposito para responder as estupidas columnias do Estandarte e do Observador, porque ambas se referem as providencias dadas pela administração. E se alguma cousa ha é sem duvida contra o chefe de policia que, estando prevenido de que os ligeiros jão passar por S. João, não foi a S. Anna dissuadil-os disso, ou não veio a S. João dissuadir os camarilheiros de obstar a essa passagem, a pedra e cacete. Mas como si o chefe de policia estava doente no principio da noite? Si estava doente devia ter determinado ao delegado que o fizesse.

O plano que conceberão os camarilheiros de promover esses disturbios n'um dia de festividade nacional, plano tão louco como criminoso, longe de trazer descometo algum a administração que marcha pelas vias legaes e satisfaz ao voto da grande maioria da provincia, occasiona somente o descredito dos que de tal se lembrarão.

Foi um recurso extremo, ridiculo em seus resultados; e ao mesmo tempo uma prova da fraqueza da parte dos que delo lançarão mão. O resultado de loun-

ras taes não pode ser outro senão desenvolver a precisa energia no governo provincial e geral que não poderá vir com ellos indeferentes a um juiz de direito metido nesse grupinho de provocadores, contra o que exigia o caracter publico de que se acha revestido. Assim é que os camarilheiros em seus prestoucos calculados presumindo tirar força moral ao governo, não fazem senão fornecer-lhe occasiões de desenvolver essa força, com os actos de denuncia que praticou. Na assembleia provincial intentou embarcar a confissão das leis com assuadas e tumultos, e ficou cubertos de lama: fora da assembleia promovem desaguiados, jogão a pedra como os rapazes, e sabem-se mal. Eis aqui o que é o partido da camarilha! Em quanto a camarilha prosegue na carreira dos desatinos, collocando-se fora da orbita das opposições constitucionaes, a administração, fiel ao seu programma e a politica do gabinete, exerce-se por todos os meios ao seu alcance a promover a prosperidade material e moral do Maranhão. Limitada por muito tempo a mais stricta neutralidade, entre os diversos partidos politicos, só accitou o apoio da liga, depois das descommunes aggressões que entrou a sofrer da camarilha. Só depois dessas aggressões é que se resolveu a substituir varios agentes amovíveis que se oppunham a sua politica, e lhe empecião a marcha, por outros que adoptam as suas vistas administrativas. Este facto é ordinario nos governos representativos, e só a nossa opposição excentrica que assentava que o governo devia apresentar-se de braços cruzados a todos os bores que lhe quizessem jogar, e que o pode estranhar. Justificado motivo de queixa não tem apresentado ella ate hoje contra o procedimento da administração actual que encetou nesta provincia a politica de conciliação, por isso é evidente que quando mais excessos praticar, tanto mais se desacreditará na opinião do paiz, e mais razão dará a administração.

Acabamos de correr os olhos sobre o Estandarte n. 17, e sem fazermos caso dos insultos, rodonjadas e ineptias que contém um artigo em resposta a exposição que fizeram as folhas ligeiras dos successos do dia 7, só pretendemos occupar-nos com o seguinte trecho: "Toda esta cidade sabe, e era publico, que os ligeiros pertenciam a perturbar os divertimentos, e insultar os hemisphios nos festejos de 7 de setembro, confididos na protecção do presidente da provincia. O Estandarte n. 14 nada deixou a desgar na prova da premeditação e provocação". Ao que se reduz toda a sua cidade, Sr. Ozorio de Tavares, ou outro que pelo nome não perca? As tres ou quatro caudilhos do grupinho de apodreadores de S. João? Agora esses ninguém mais sabia de semelhante cousa. O seu mesmo chefe de policia renega as palavras que lhe põem na boca o n. 14 do Estandarte. Demais, se toda a cidade sabia, era publico, como é que o Sr. Cerqueira Pinto não foi, ou mandou a Sr. Anna, dissuadir os ligeiros de por por obra esse *negro plano*, ou mesmo intimar-lhes que deixassem de passar por S. João? *Toda essa cidade*, pois, *toda esse publico* do Estandarte, não é senão mais um comprometimento para esse magistrado. Mas o facto é que os ligeiros nunca passaram pela idea macher no tal fogo de artilheia que já vai sendo objecto de riso,

e que tudo isto é dicto para cohonestear os excessos das *baricadas* de S. João em que a passagem por uma rua publica foi embaraçada a homens inermes e de saca com pedradas e pauladas.

Quando e como provastes a *premeditação e provocação* da parte dos ligeiros? com dizer que toda a cidade sabia, e era publico? Menti quanto quizerdes, o facto vos desmentira, pois ninguém tocou no vosso ridiculo fogo. Do vosso lado é que apparece a aggressão, e por conseguinte a premeditação e provocação. Vós é que atrastastes pedradas e doces cacetadas em homens pacificos e inermes que não vos fizeram a menor offensa, e nada mais fazião que passar pela rua: vós é que sois os aggressores e provocadores, homens sanguinarios e ferozes! si vos sahistes mal da empreza a culpa é vossa e só vossa, por que sobre vós é que pesa toda a responsabilidade do acontecido. Dizeis que os ligeiros contavam com a protecção do governo. Mas em que consistia essa protecção, si as forças de policia e de fuzileiros, postadas em S. João para onde se encaminhavam os ligeiros, a vós é que protegião e amparavam? Os factos todos estão em completa opposição ás vossas palavras e escriptos, e dão-vos o mais solenne desmentido. A passagem do Beintevi que transcrevemos hoje, e em que na tarde do dia 7 de Setembro mandaveis fazer fogo nos ligeiros, é entre outras uma prova da vossa premeditação e ferocidade. Vede si a destruis.

—Tendo nós dicto na Revista anterior—que o Sr. Varela investira com a espada nua por entre o povo inerte, fora desarmado e se lhe restituira depois a sua espada—, não fomos bem informado quanto a esta segunda parte; o Sr. Varela investiu e facto com a espada nua por entre o povo, mas conservou a sua espada e não foi desarmado. Fazemos esta retificação em obsequio a verdade, e aqui pertenciamos ficar; mas constando-nos que ha quem assoalhe que o Sr. Verella nos insultara, declaramos que é isso uma falsidade. O Sr. Varela dirigiu-se a nós para pedir a retificação deste facto inexacto, mas nunca nos dirigiu o menor insulto, antes pelo contrario houve-se sempre com maneiras urbanas e civis. Esta é a verdade; e para confirmá-lo, alem do testemunho do proprio Sr. Varela, temos o dos Srs. Joaquim Pinto Corrêa e Braz Gonçalves da Cunha Figueiredo, que presenciaram a pequena conversa que tivemos na rua, e o do Sr. Caetano de Souza Pereira que passava.

—O Estandarte diz que o sr. Lopes oferecera os seus serviços ao sr. Moniz contra a familia Sá, e que o sr. Moniz os regeitara. Estamos authorisado pelo sr. Lopes a declarar que é tudo pura falsidade, e nisto apella o sr. Lopes para o testemunho do proprio sr. Moniz. Devemos acrescentar que o sr. Lopes attribue esta intriga as insinuações de um seu inimigo bem conhecido nesta cidade.

—Diz mais o Estandarte que o sr. Dr. Viriato quebrára as taboas dos fogueiros da camarilha que estavam a entrada da casa do sr. Leal. O sr. Dr. Viriato, seja pelo seu character, seja pela sua representação na sociedade, seja pelos seus

principios e illustração, é muito superior a uma imputação destas, e fique certo o Estandarte de que ninguém dará o menor peso á infame calumnia como pretende enlamear a esse illustre maranhense.

A ULTIMA HORA.

—Neste momento é que nos vieram á mão alguns jornaes de Portugal chegados no *Urbana*, e de uma breve leitura apenas podemos colher que aquelle paiz ainda não gosa de perfeita segurança publica—há ainda em varios pontos violencias de parte a parte—consequencia natural das revoluções.—Affiançava-se que o ministerio havia pedido demissão e que a rainha lh'a acceptára—Diz-se que foi devida esta resolução á uma nota collectiva dos ministros das potencias alliadas em replica á resposta do Sr. Bayard á nota 5 de agosto.—Ficava encarregado de organizar o novo ministerio o conde de Lavradio, homem de ideas liberais.

Fallava-se tambem que o Saldanha pedira demissão de chefe do estado-maior—o Marquez de Fronteira de governador civil e o Visconde de Fonte-Nova de general de primeira divisaõ militar.

(Do Progresso.)

A VISOS.

—O abaixo assignado roga aos Senhores (PLADROES D) que lhe fizerão o favor de arrombar a sua caza com um furo que fizerão na parede pelo lado da rua das Viollas, que hajão de lhe responder se continuão, ou não a concluir o intento que pertendem, pois o abaixo assignado está esperando que os sobreditos acabem para então ao depois mandar concertar o arrombamento, outro-sim promette dar cem mil reis a quem descobrir os ditos Senhores (PLADROES D) Maranhão 14 de Setembro de 1847.

Manoel José da Silva Nogueira Orives.

—Guilherme Potter, relogeiro morador no largo do Carmo caza n. 4, concerta toda a qualidade de relógios, candieiros Francezes de maquina ou sem ella, o que tudo faz commodamente e perfeito.

—Balthazar, Irmãos & Sobrinhos, receberam agora pela Barca Nova Aurora o mais superior vinho tinto o mais proprio para meza que tem vindo a este mercado, por ser preparado ao gosto do que vay para o Rio de Janeiro, o qual vendem a 700 rs. o frasco.

Os mesmos receberam pela Barca Theozza Jane vinda de Liverpool nova remessa de Cha Hissou o melhor possivel que vendem a 3:200 a £; continuando a vender o vindo de Lisboa a 2:880, a £.

(P) Manoel Joaquim Lopes da Silva tem ordem para vender 2 negras uma padeira e lavadeira e outra de roca.

Maranhão, Typographia da TEMPERANÇA—1847.
Impresso por M. P. Ramos, rum Formosa n. 2.